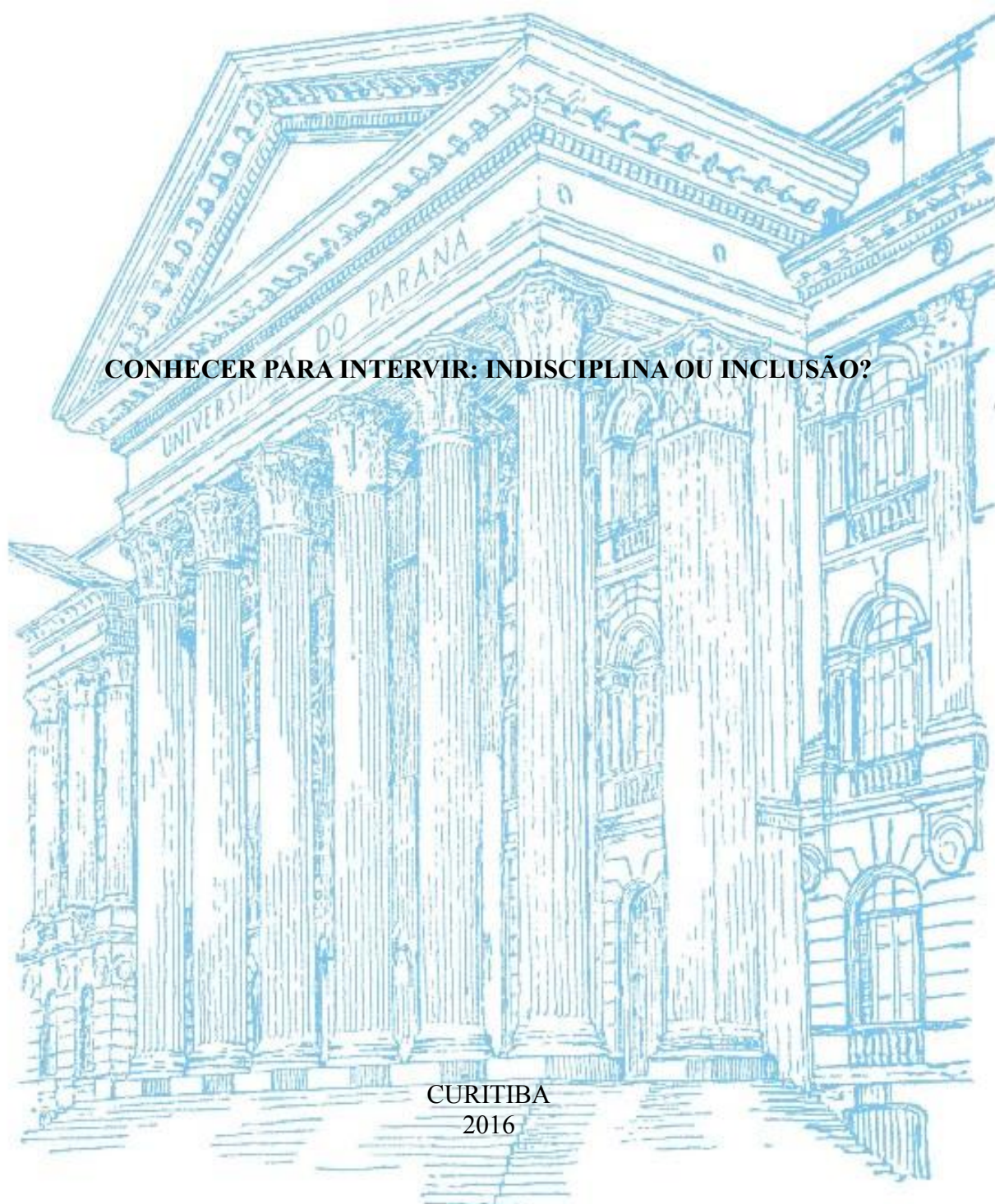


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SANDRA MARA DOS SANTOS CORRÊA

**CONHECER PARA INTERVIR: INDISCIPLINA OU INCLUSÃO?**



CURITIBA  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

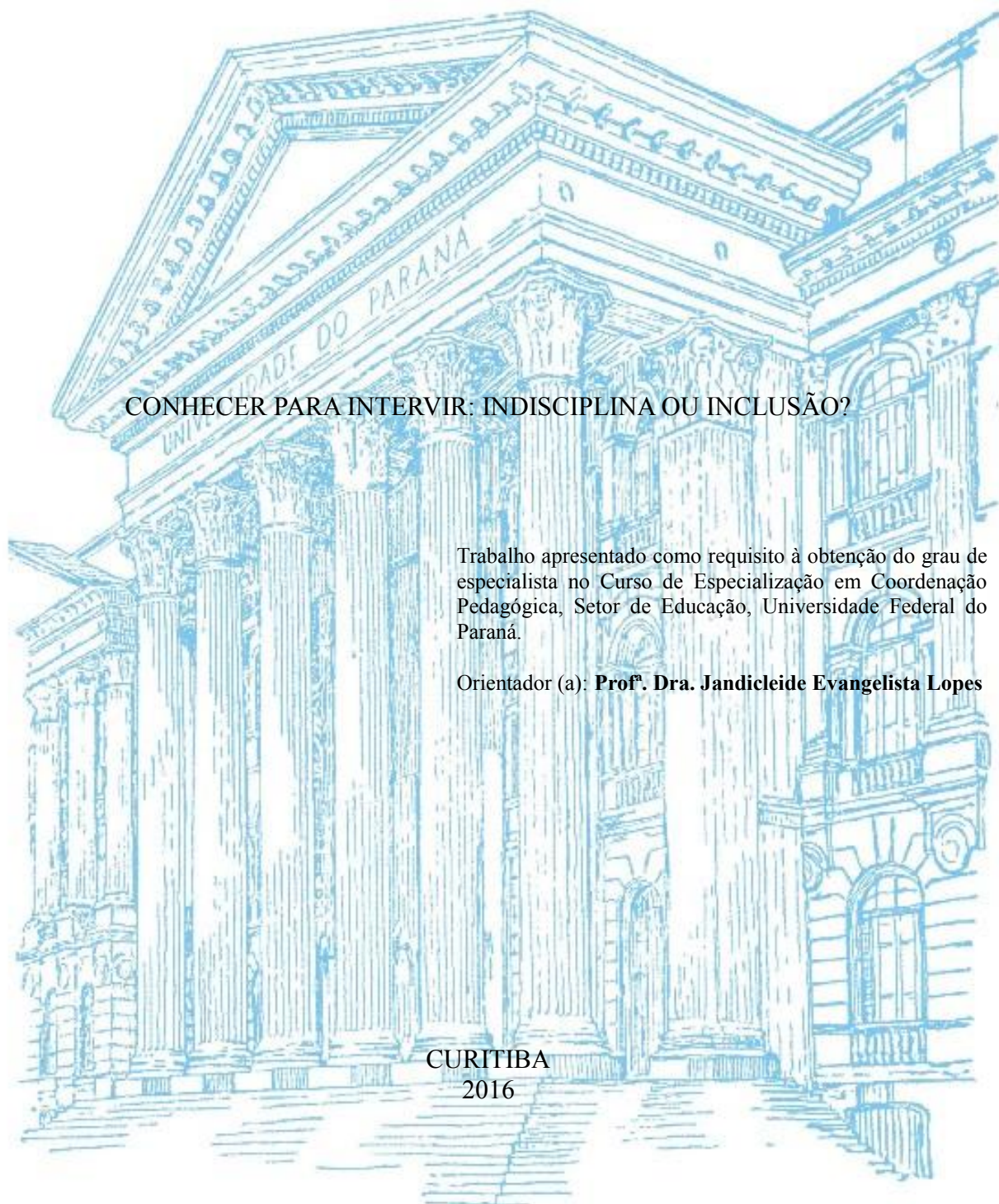
SANDRA MARA DOS SANTOS CORRÊA

CONHECER PARA INTERVIR: INDISCIPLINA OU INCLUSÃO?

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): **Prof.ª. Dra. Jandicleide Evangelista Lopes**

CURITIBA  
2016



## CONHECER PARA INTERVIR: INDISCIPLINA OU INCLUSÃO?

**Autor: Sandra Mara dos Santos Corrêa<sup>1</sup>**  
**Orientação Prof<sup>a</sup>. Dra. Jandicleide Evangelista Lopes**

### RESUMO

O presente trabalho buscou compreender o comportamento do aluno em sala de aula no contexto do processo ensino aprendizagem. Tal desafio, tornou-se um verdadeiro óbice para o ensino atual e merecedora de uma séria reflexão, tendo em vista que os professores de um modo geral atribuem a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família. Embasada em parâmetros teóricos de estudos e reflexões de diversos autores, esta pesquisa procurou discutir, como tratar a questão da indisciplina e inclusão na escola? Qual a definição da ética e a sua contribuição na formação do cidadão incluso? Qual é o papel do professor diante da problemática? Como é tratada a formação de professores para a educação inclusiva? A questão proposta será uma tentativa de investigar as possíveis causas da indisciplina na sala de aula, redefinindo o conceito de disciplina, inclusão e formação, demonstrando a importância da responsabilidade do professor de trabalhar em conjunto. Este estudo adquire relevância pelo redimensionamento da prática a ser proporcionada no espaço escolar frente às demandas surgidas e das orientações da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. O trabalho foi desenvolvido com base nas pesquisas bibliográficas referente ao tema abordado. Como resultado da pesquisa conclui-se que é fundamental, uma modificação no sistema educacional e reformas nas políticas públicas, radicalizando todas as formas de exclusão e atitudes discriminatórias, devemos conhecer para fazer as intervenções necessárias, viabilizando a individualidade de cada aluno, pois todos podem ter êxito, se a escola trabalhar a inclusão com o objetivo de integrar, finalmente cabe ao professor entender o seu aluno.

**PALAVRAS CHAVES:** Indisciplina, Inclusão, Formação de Professores, Ensino- Aprendizagem

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pela aluna Sandra Mara dos Santos Corrêa do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora, Dra. Jandicleide Evangelista Lopes E-mail: sandramaracorrea@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Os fatores como indisciplina, inclusão e formação são imprescindíveis no processo de ensino/aprendizagem. É preciso conhecer para intervir, respeitando os interesses e níveis de desenvolvimento dos alunos. Para Aquino (1996, p. 50) a compreensão e o manejo da indisciplina residem na relação concreta entre professor e aluno.

Muitas vezes a indisciplina está relacionada com alunos desinteressados, desobedientes ou que possuem mau comportamento, e, sendo assim, os professores acabam por ambicionar soluções imediatas para o enfrentamento dos desafios que surgem na realidade escolar, conforme cita Savarego (2013, p. 2).

Desta forma, baseado em pesquisa bibliográfica, o presente artigo possui como justificativa a busca do entendimento dos fatores necessários para o enfrentamento da indisciplina escolar, tais como: interação familiar, inclusão e formação, questionando sempre sua prática a fim de adequá-la cada dia mais à diversidade cultural apresentada na sala de aula. Segundo Aquino (1996, p.98):

A carência de atenção e afeto pode manifestar se na forma de comportamentos indisciplinados na escola como agressividade/rebeldia, ou apatia/indiferença, ou ainda, desrespeito/falta de limites. Tais comportamentos podem ser tentativas, para chamar a atenção dos colegas e, principalmente, dos professores.

Vale ressaltar que a própria sala de aula deve apresentar-se como um lugar de inclusão, em que os alunos são dignos do mesmo tratamento que os demais e onde suas diferenças precisam ser respeitadas, pois, apesar das limitações, cada aluno possui capacidade e potencial merecedor de valorização e aperfeiçoamento. Segundo Aquino (1996, p. 50):

A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar de professor é imediatamente relativo ao de aluno e vice-versa. Vale lembrar que, guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela, ambos são parceiros de um mesmo jogo. E o nosso rival é a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é construir uma reflexão sobre as diferenças entre indisciplina e dificuldade de aprendizagem na sala de aula e sobre o papel do professor diante de alunos com eventuais problemas (comportamentais ou cognitivos).

Atualmente, verifica-se que em muitas escolas, alguns alunos, por diferentes motivos, apresentam comportamento desajustado e, invariavelmente, são rotulados como "indisciplinados". Desta forma, conhecer o contexto social em que o educando está inserido, através de anamnese e históricos vitais, auxilia nas hipóteses diagnósticas e diminui notavelmente as margens de erro dos fatores comportamentais que são submetidos.

De acordo com Padilha (2004, p. 39) a dificuldade de aprendizagem se apresenta por meio do fracasso escolar resultando em reprovação, segundo o autor tal constatação reforça a importância do apoio dos profissionais envolvidos, no sentido de criar condições juntamente com os professores, para que a aprendizagem se concretize.

Relacionar indisciplina à dificuldade de aprendizagem traz reflexão sobre os diferentes obstáculos no processo de ensino/aprendizagem em sala de aula, sejam eles comportamentais ou cognitivos, e até mesmo a capacitação dos professores. Segundo Garcia (1999, p. 102, apud OLIVEIRA, 2004, p.43) existem vários fatores que desencadeia a indisciplina:

De um lado, é possível situá-la no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula. Em complemento, deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar – com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc. Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

De acordo com Garcia (1999, p. 101), a indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Nesse sentido, vale perguntar: O comportamento do aluno é indisciplina ou uma dificuldade de aprendizagem? Como o professor deve avaliar o comportamento de

seus alunos para intervir de maneira adequada?

Atualmente, alguns alunos com dificuldade de aprendizagem, demonstram não conseguirem compreender o que é ensinado, através de um comportamento indisciplinado, dessa maneira é posto que, um professor conhecedor de alguns transtornos específicos da aprendizagem consegue conduzir melhor o processo ensino aprendizagem minimizando comportamentos indisciplinados.

O presente artigo não tem a pretensão de responder a todos as indagações existentes. Entretanto, o objetivo é promover uma reflexão sobre a indisciplina e a inclusão, à luz de diferentes autores, mostrando que o fenômeno pode adquirir conotações diferenciadas, dependendo dos pressupostos teóricos e epistemológicos de cada educador, considerando algumas hipóteses.

A indisciplina é um reflexo da falta de limites e das transformações do modelo nuclear familiar, repercutindo no contexto da comunidade escolar. Professores e alunos aprendem juntos no processo de ensino-aprendizagem, no entanto é importante ter um olhar diagnóstico para observar as necessidades individuais dos alunos, compreendê-los e intervir no momento necessário, extraindo o melhor de cada um, valorizando a aprendizagem.

O educador necessita de formação para a mediação pedagógica, pois ministrar uma aula que reúne pessoas com características, peculiaridades, saberes, culturas e realidades totalmente diferentes proporcionará uma educação de qualidade. Conforme afirma Coll et al (2010. p.45) “ as escolas inclusivas não aparecem da noite para o dia, mas vão se configurando mediante um longo processo [...]”.

Tais questionamentos levam a reflexão a respeito da importância de o professor ser capacitado para trabalhar com alunos indisciplinados e agressivos em sala de aula. Com preparação adequada, o docente será capaz de propor situações de ensino/aprendizagem de acordo com o interesse dos alunos, de modo que consigam alcançar o envolvimento e desenvolvimento das próprias habilidades.

Elegemos como metodologia para coleta de dados, a Pesquisa Bibliográfica. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento

sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Em síntese este estudo é, portanto, um espaço de possibilidade para esclarecimento de questões relacionadas à atualidade na educação dos alunos, tendo como base a tomada de consciência sobre os diversos elementos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Diversos são os motivos, que exige reflexão e busca de soluções, pois a questão da indisciplina é bastante complexa, uma vez que um grande número de variáveis influencia o processo de ensino-aprendizagem (TODERO ET AL, 2009, p. 5)

Não existe plano algum que solucione o problema da violência e da indisciplina de modo a eliminá-las por completo, no entanto, apesar dessa complexidade, há um consenso entre os profissionais da área de educação, que sem disciplina não se pode realizar um trabalho pedagógico significativo. “O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência neste lugar” (AQUINO, 1996, p.79)

Se verificarmos os sentidos que a língua portuguesa reserva para os conceitos de indisciplina segundo Guimarães (1996, p.28) disciplina e violência, encontraremos algumas definições, tais como: "todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião" constituir-se-ia em *indisciplina*. A *disciplina* enquanto "regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar)", implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas. A *violência*, por sua vez, seria caracterizada por qualquer “ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”.

Em sentido amplo, disciplina pode ser entendida de diversas formas: ordem e respeito imposto por uma pessoa ou um grupo, resultado de um consenso em função de bens e objetivos comuns. Considerada na dimensão individual do comportamento, entende-se que a disciplina expressa condutas organizadas, metódicas, coerentes, em que permite realizar determinadas intenções. Para D’antola (1989, p.81):

Sujeito disciplinado é aquele que é capaz de adequar o seu comportamento a, determinadas regras, estabelecidas por ele próprio ou por outro, mas assumidas por ele, de modo a conseguir a organização necessária da ação para que os resultados esperados sejam atingidos.

Na atualidade entendem-se situações nas quais a disciplina aparece como um acordo, decidido e acertado em função de metas e decisões a serem tomadas, a partir dos valores vigentes, denomina-se disciplinados para uns e indisciplinados para outros. Neste sentido, disciplina não se limita a uma técnica disciplinar, mais sim a um assunto que nos leva a pensar sobre a totalidade da vida humana, conforme ensina La Taille (2000, p. 90-91):

Disciplina remete a regras. Com efeito, a pessoa disciplinada segue determinadas regras de conduta. Logo, disciplina corresponde ao que chamamos de moral: o respeito por certas leis consideradas obrigatórias. Portanto, a pessoa indisciplinada transgride as leis que deveria seguir. [...] A indisciplina pode, às vezes, vir em decorrência de bons motivos éticos. Se as regras não fazem sentido (e há muitas nas escolas) e se derivam de valores suspeitos (como a subserviência cega à autoridade), a indisciplina pode se justificar eticamente. [...] Há indisciplinas eticamente válidas, desobediências legítimas, graças às quais, aliás, a sociedade acaba por evoluir. Mas pensemos agora nas formas de indisciplina que ferem as leis morais, estas definidas como garantias de respeito a direitos legítimos. Transgressões deste tipo também podem acontecer nas salas de aula. Por exemplo, o insulto, a agressão física, o tratar o professor como se fosse um objeto, não ouvi-lo, fingindo que não está presente, que não existe.

No entanto alguns educadores demonstram dificuldades ao se depararem com alunos indisciplinados se sentem desestimulados em lecionar, se esquecendo que cada um destes alunos pertence a um meio familiar, social e cultural diferentes (MORALES, 2000, p. 42).

Um compromisso com a mudança se remete a avançar no sentido de uma escola inclusiva, rompendo com a cultura segregadora, propondo uma educação que valorize a igualdade de direitos entre todos os alunos (COLL ET AL 2010. p.45).

Sasaki (1997, p. 30-31) afirma que a inclusão é um tema abrangente e discutido coletivamente, entretanto este tema está tão presente no meio social e educacional que profissionais de diversas áreas estão debatendo formas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas excluídas.

Porém, a falta de informação pode impedir a inclusão, excluindo mais ainda, pois as pessoas de modo geral, mesmo com suas “diferenças” estão inseridas em grupos os quais as aceitam. Percebe-se a expansão do mesmo em televisões, nas

calçadas, nas ruas, em cinemas, enfim em lugares que são públicos. Sasaki (1997, p. 30-31) cita:

A ideia de inclusão surgiu para derrubar a prática da exclusão social a que foram submetidas às pessoas com deficiências por vários séculos. A exclusão ocorria em seu sentido total, ou seja, as pessoas com deficiências eram excluídas da sociedade para qualquer atividade porque eram consideradas inválidas, sem utilidade para a sociedade e incapazes de trabalhar, características estas atribuídas indistintamente a todos os portadores ou que tiveram alguma deficiência.

O próprio meio social em que vivemos é desigual, com preconceitos e discriminações, o que irá refletir na realidade educacional. É importante que o professor saiba atender a diversidade proporcionando aulas que sejam significativas para os alunos, independentemente de suas condições sociais e econômicas, pois segundo Fávero (2009, p.13-14) tem sido um dos desafios da proposta de escola inclusiva.

Quando surge algum aluno com comportamento diferente, é comum o professor pensar que ele é indisciplinado, já o rotulam é neste momento que se faz necessário o de repensar e ressignificar a própria concepção de educador, segundo Morales (2000, p.42) o processo educativo baseia-se na criação e no desenvolvimento de “contextos” educativos que possibilitem a interação crítica e criativa entre sujeitos únicos, e não simplesmente na transmissão e na assimilação disciplinar de conceitos e comportamentos estereotipados. É importante lembrar que a própria sala de aula deve ser um lugar de inclusão, em que todos os alunos precisam ser respeitados com todas as suas diferenças, pois apesar de terem limitações possuem capacidades e potenciais que podem ser valorizados e aprimorados. Nóvoa (1995, p. 25), afirma que:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência [...]. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.

É preciso entender como alguns professores vêm lidando com as questões da inclusão escolar e, também, fomentar essas experiências nos processos de formação docente. Segundo Ferreira et al. (2014, p.06-07) o docente ao ingressar na docência,

deve conhecer as políticas de inclusão para poder refletir sobre elas e replanejar a sua prática pedagógica, tendo em vista a garantia da aprendizagem dos alunos que estão nas instituições escolares, sejam eles “normais” ou com deficiências. Silva e Arruda (2014 p. 4-5), afirmam que:

A educação é um direito de todos, educação de qualidade e igualitária e nós, como professores, tentamos fazer com que isso aconteça, no entanto, a capacitação de professores passa por uma mudança a respeito da inclusão, visando melhora lá com atendimento igualitário e qualitativo, com direito ao acesso e a permanência na escola, precisando também ser levado em conta outros princípios como a acessibilidade e locomoção. O professor deve ser visto como mediador e estimulador, tornando a sala de aula um ambiente onde seus limites seja estimulador de sua autonomia. Um professor crítico reflexivo da sala regular, não deve ser diferente de um professor da sala especial, pois ambos têm o mesmo papel que é promover a aprendizagem.

As mudanças de cada instituição escolar devem ser de orientar-se no sentido de sua transformação, “ só a partir das condições reais de cada escola, é possível melhorar a organização interna e contribuir para criar uma cultura mais favorável à mudança educacional” (COLL ET AL, 2010 p.45).

### 3-APRESENTAÇÃO E ANALISE DOS DADOS

Para a apresentação de dados da pesquisa, além dos autores já citados no referencial teórico, utilizou-se o servidor de buscas acadêmicas “<https://scholar.google.com.br/>” para pesquisa dos artigos relacionados ao tema entre os anos de 2011 a 2014. Desta busca foram encontrados seis artigos sendo que três artigos serviram para responder as seguintes perguntas: O comportamento do aluno é indisciplina ou uma dificuldade de aprendizagem? Como o professor deve avaliar o comportamento de seus alunos para intervir de maneira adequada?

Isto posto, para melhor visualização do objeto e pesquisa, segue abaixo resumo em quadro dos artigos selecionados:

DESCRITORES	TÍTULO DO ARTIGO	RESUMO DO ARTIGO	AUTOR	ANO
Indisciplina. TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Dificuldades de aprendizagem. Processo ensino-aprendizagem.	Indisciplina X TDAH: Implicações no Processo Ensino-Aprendizagem	A indisciplina infantil e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) têm sido muito discutidos no âmbito escolar, havendo, muitas vezes, uma confusão entre os termos, chegando até a ser tratados como se fossem a mesma coisa. Com frequência, crianças são	Érika Aparecida Savarego	2013

		<p>constantemente rotuladas por professores, pais e colegas como mal-educadas, indisciplinadas, rebeldes, preguiçosas, desorganizadas, desinteressadas entre outras depreciações que influenciam negativamente o desenvolvimento escolar. Geralmente, as crianças em questão apresentam uma maior impulsividade, desorganização, impaciência, atenção dispersa, dificuldade de relacionamento, de comportamento e, por consequência, de aprendizagem. Estes comportamentos, dependendo da intensidade e frequência, são característicos do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que por sua vez, também são característicos da indisciplina infantil. Considerando o sutil limiar entre um e outro, acredita-se ter relevante importância a distinção correta entre o TDAH e a indisciplina, por meio de maiores estudos, observações e diagnósticos corretos, objetivando amenizar ou minimizar os prejuízos causados por tais equívocos que comprometem severamente o desenvolvimento cognitivo, social e escolar de muitas crianças.</p>		
Distúrbios de aprendizagem, desafios do educador, relações familiares e desenvolvimento emocional.	Distúrbios de Aprendizagem e Desafios da Educação Escolar	Com este trabalho, procurou-se realizar uma reflexão a respeito dos aspectos emocionais e familiares nos distúrbios de aprendizagem a partir de uma compreensão destes distúrbios como manifestações diante de alterações não só orgânicas como também nas relações interpessoais e processos emocionais desde os primeiros vínculos da criança, o que torna-se um desafio para o profissional da educação.	Renata Veloso de Moraes Cortez. Prof. Ms. Moacir Alves de Faria	2011
Formação de Professores - Escola - Inclusão	A Formação de Professores e Inclusão	A temática deste artigo vem sendo discutida entre pesquisadores e educadores que trabalham com formação de professores, sobretudo nas últimas décadas, tendo em vista o discurso da implementação de uma escola inclusiva. A proposta desta educação parte do reconhecimento das diferenças e as adequadas condições para que estas não sejam impedimentos no desenvolvimento dos alunos que chegam à escola. Assim, a linguagem em braile, pode ser importante para os estudantes com deficiência visual, linguagem dos sinais, para pessoas com deficiência auditiva, falar pausadamente, utilizar textos imagéticos, pode contribuir para o	Ferreira Elza da Silva, Marcelino Jeane da Silva e Germano maria do Rosário	2014

	<p>desempenho dos portadores de deficiência intelectual. Nesse contexto, a educação inclusiva não deve desconsiderar as diferenças, mas buscar recursos que garantam a aprendizagem das pessoas que cheguem à escola. Nesse cenário, nos perguntamos: os professores recebem instrução para atender às diferentes necessidades que surge nessa nova situação? Como está sendo o processo formativo desses profissionais? Assim, o objetivo desse trabalho é discutir e analisar como vem acontecendo o processo de formação de professores para atender as pessoas portadoras de deficiência. Para tal, nos baseamos nas contribuições teóricas de Nascimento (2009); Michelles (2002) e Silva e Arruda (2014). Utilizamos uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001) trabalha com a investigação dos significados, motivos, crenças e valores. Consideramos que se faz necessário repensar e reestruturar os cursos de formação docente e investir na incorporação de modelos inclusivos na Educação.</p>	
--	--	--

É preciso conhecer para intervir, analisar criteriosamente para não confundir atitudes comportamentais como indisciplina com distúrbio de aprendizagem. Analisando o aporte teórico observa-se que é papel do professor procurar capacitação nas dificuldades vivenciadas em sala de aula. Segundo Coll et al (2010), o professor se prepara para o aluno com bom desempenho, motivado, sem problemas intrínsecos de aprendizagem, e oriundo de um ambiente sócio familiar que lhe proporciona estimulação adequada.

Quando acontecem o fracasso escolar, a culpa é do aluno e do seu comportamento indisciplinado e não considera os problemas sociais, culturais, psicológicos e/ou de aprendizagem.

Morales (2000) afirma que a formação do docente não se restringe somente em cursos eventuais, é necessária uma formação contínua, envolvendo a reflexão da sua prática para que o mesmo compreenda a sua relação no processo ensino aprendizagem a fim de que se torne um pesquisador da sua ação.

O professor precisa estar preparado para lidar com as diferenças, com a singularidade e a diversidade de todos os alunos, conforme cita Arruda (2014) e não com um modelo de pensamento comum a todas elas.

Segundo Coll et al (2010), compete também na instituição escolar, proporcionar um currículo que atenda às necessidades de acordo com as possibilidades de cada educando, a fim de que todos aprendam o compromisso de incluir desenvolvendo a sensibilidade para as diferenças, incluindo projetos que envolva o diálogo com a comunidade escolar para juntos buscarem possíveis soluções.

Analisar a indisciplina como um dos fatores que atrapalha o processo ensino aprendizagem refletindo sobre a inclusão e formação dos professores, é um estudo que explícita a necessidade de investigação. No entanto ao pesquisar inclusão, disciplina e formação, ressalta vários desafios, posto que os resultados obtidos desta pesquisa revelam a urgência de se resgatar o compromisso de incluir e conhecer melhor os alunos para fazer as intervenções necessárias no processo ensino aprendizagem (FERREIRA ET AL, 2014).

Os professores precisam de formação e não pode se limitar apenas na sua graduação se capacitar é preparar-se para os enfrentamentos que surgem na escolarização do aluno, afirma Ferreira et al (2014 p.2) apud Nascimento (2009, p. 4):

Vale destacar, porém, que a formação docente não pode restringir-se à participação em cursos eventuais, mas sim, precisa abranger necessariamente programas de capacitação, supervisão e avaliação que sejam realizados de forma integrada e permanente. A formação implica um processo contínuo, o qual precisa ir além da presença de professores em cursos que visem mudar sua ação no processo ensino aprendizagem. O professor precisa ser ajudado a refletir sobre a sua prática, para que compreenda suas crenças em relação ao processo e se torne um pesquisador de sua ação, buscando aprimorar o ensino oferecido em sala de aula.

Sabe-se que a indisciplina apontou várias reflexões, na ausência de limites, falta de orientação familiar, agressividade, comportamentos desajustados, conforme cita Savarego, (2013, p 2):

É comum crianças possuírem comportamentos inadequados que causam a insatisfação dos pais e responsáveis. Essas crianças normalmente são vistas e rotuladas como mal-educadas, teimosas e inquietas. Na maioria das vezes, esses comportamentos influenciam diretamente no convívio social e escolar da criança, que são tidas como indisciplinadas. O contrário também pode acontecer. Alunos que realmente apresentam má educação, não conhecem limites e noções comportamentais podem ser tidas como hiperativas ou justificadas com déficit de atenção, sem maiores análises ou comprovações, apoiadas apenas em “achismos” e falta de conhecimento e informação de educadores e familiares, que “ouviram” falar sobre o TDAH.

Constata-se que a inclusão escolar, sofreram modificações ao longo das últimas décadas, sendo que é difícil consolidar conceitos e propostas na educação especial, sem que haja quebra de paradigmas conforme descreve Ferreira et al (2014

p. 4):

A composição da política de inclusão ocorreu a partir de compromissos históricos assumidos, de forma coletiva, pelos movimentos de luta por direitos sociais como, a exemplo, da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), da Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990) e do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996). Inclusão, nesse sentido, significa compartilhar o processo de humanização, numa experiência de construção coletiva que coloca todos na condição de sujeitos.

A interação do relacionamento entre professor e aluno proporciona motivação que desperta interesse no aluno e atenua os problemas, conforme descreve Cortez (2011, p.5)

“{...} o prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades”

#### **4-CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa bibliográfica revelou que o tema é bastante significativo e pesquisado, pois são muitos artigos, teses e livros que abordam a questão, no entanto de maneira separada, não apontando o foco central deste trabalho, indisciplina, inclusão e formação. Savarego (2013), afirma que embora seja difícil e complexo lidar com o problema da indisciplina, o professor não pode desistir e nem se acomodar.

Nóvoa (1995), descreve que atitude comportamental não pode silenciar e limitar os alunos, impedindo o seu desenvolvimento criativo e participativo em sala de aula.

Não se pode esquecer que a disciplina e aprendizagem caminham juntas, sendo, as duas grandes fontes educacionais da criança, família e escola, conforme afirma La Taille (2000), como agentes que devem tornar claros os seus valores e definições sobre uma vida plena, desta forma a questão disciplinar não pode ser tratada a partir de uma única causa isolada, e nem a solução deve sobre cair numa única parte,

A importância das regras, a ética, a moral e o diálogo são as formas positivas de relacionamentos com os filhos, procurando desenvolver estas habilidades certamente a família irá conseguir um estilo mais harmonioso de convivência, de forma

que os comportamentos inadequados e antissociais sejam evitados. Conforme descreve Aquino (1996, p.98).

Entretanto as investigações elencaram que é importante conhecer para intervir, visitar os conceitos sobre a formação dos professores, ampliando as discussões e estudos sobre a escola inclusiva e a prática pedagógica, segundo Ferreira et al (2014 p. 8) compreender que a instituição escolar é um espaço de inclusão dos alunos normais e as dotadas de dificuldades educacionais especiais, buscando capacitação, orientações e planejamentos de ações que envolvam todo coletivo escolar.

Constatou-se a necessidade de aprofundar as dificuldades de aprendizagem, pois há muito ainda a ser pesquisado, com base nos entraves encontrados, a pesquisa apontou que muitos professores, consideram que os alunos com dificuldades de aprendizagem têm menor rendimento acadêmico, e que não podem mudar e pensam que nada podem realizar para melhorar os seus rendimentos escolares, conforme cita: (COLL ET AL, 2010 p.117).

Iniciei a pesquisa buscando discutir, como tratar a questão da indisciplina e inclusão na escola e qual a definição da ética e a sua contribuição na formação do cidadão incluso.

Finalmente conclui-se que é necessário, uma mudança profunda no sistema educacional e reformas nas políticas públicas, radicalizando todas as formas de rotulação e atitudes discriminatórias, devemos conhecer para fazer as intervenções necessárias, viabilizando a individualidade de cada aluno, pois todos podem ter êxito, se a escola trabalhar a inclusão com o objetivo de integrar.

## **5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AQUINO, J. G. **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1996, 148p.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=931>>. Acesso em: 05 mai. 2016

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo:

Sammus, 1996. p. 9-23.

GUIMARÃES, M. Áurea. **Indisciplina e violência**: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sammus, 1996. p. 73 -82.

D'ANTOLA, Arlette. Disciplina democrática na escola. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989. p. 49-59.

FÁVERO, Osmar et al. (Org.). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO, 2009.

GARCIA, J. Indisciplina na escola. **Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba**, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GARCIA, J; ALBERTI, A. R. A indisciplina na sala de aula: analisando a perspectiva dos alunos. In: SEMINÁRIO INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 4. Curitiba, 2006, **Anais...** Curitiba: UTP, 2008, p. 215 – 226. CD

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Possibilidades de histórias ao contrário ou como desencaminhar o aluno da classe especial**. São Paulo: Plexus, 2004.

SASSAKI, R. K. **Inclusão, construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

**Educação Especial no Brasil, História e Políticas Públicas**. M. S. J. Mazzota. Ed. Cortez.

TODERO, Franciele.; PERUZZOLO, Gisele Teresinha Bordin.; MROCZKOSKI, Mirian. **Indisciplina na Escola e o Cotidiano Escolar**: Buscando Soluções Conjuntas. Revista de Educação do IDEAU, Getúlio Vargas, v. 04, n.º 8, p. 05, jan – jun 2009. Disponível em:  
<[http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/184\\_1.pdf](http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/184_1.pdf)> Acesso em: 30 mai. 2016.

MORALES, P. **A Relação Professor-Aluno**. São Paulo: Loyola, 2000.

COLL César, MARCHESI Álvaro, PALACIOS Jesús & Colaboradores. **Desenvolvimento Psicológico e Educação** - Vol.3. Editota Artimed 2010. Porto Alegre RS.